

A GRAMÁTICA E O LIVRO DIDÁTICO

Maria Inês Fernandes Ribeiro*

RESUMO

Este artigo consiste no resultado de pesquisa realizada em um livro didático, cujo objetivo foi analisar como a gramática normativa foi nele trabalhada. Tendo em vista que, a partir da década de 70, os estudos linguísticos avançaram significativamente rumo à ciência. Sendo assim, resolvemos observar como a gramática vem sendo expandida nos livros didáticos nos dias atuais.

Palavras-chave: livro didático, gramática, estudos linguísticos.

ABSTRACT

This article consists at the creature as of research paid-up well into um book didactics, whose objective he went analyzed like the grammar normative he went into it wrought. In view of than it is to , from the decade as of 70, the studies linguistics they advanced considerably course at the expertise. Such being the case , solves it look at like the grammar he comes without expended at the books didactics back in the days you act

Keywords: book didactics, grammar, studies linguistics.

APRESENTAÇÃO

Neste artigo, será apresentado o resultado da análise realizada no livro didático Língua Portuguesa Comunicação e Cultura, de autoria de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental. O respectivo livro foi adotado por um colégio da rede particular de ensino, localizado na região central de Várzea Grande, no ano letivo de 2006.

O livro didático é farto material linguístico para refletir a linguagem. Logo, deve ser elaborado de maneira a fugir as formas cristalizadas que proliferam nos manuais didáticos, priorizando sempre o aluno, de forma que este seja capaz de discutir, sentir, refletir e transformar sua linguagem. (Infante & Nicola, 1994).

Na década de 80, a professora Maria Laura P. B. Franco (1985) realizou pesquisa em que confirmou que 80% dos professores afirmam ter como principal material de apoio didático o próprio livro didático. Sendo assim, acreditamos que este deve ser o mais completo e atualizado possível e, por isso, deverá ser escolhido com cautela, baseado em critérios, tais como realidade da escola, objetivo do ensino de língua materna e adequações aos PCNs(Parâmetros Curriculares Nacionais). Acreditamos que os livros didáticos devam contemplar a gramática normativa de forma significativa, permitindo assim que o aluno conheça as normas

* Aluna do curso de Especialização em Língua Portuguesa : teoria e ensino- turma 2005 -UNIVAG

gramaticais que regem sua língua e, a partir desse conhecimento, possa fazer as suas escolhas de acordo com as circunstâncias de uso.

Segundo Travaglia (2001), todo livro didático deverá propiciar ao aluno a interação com a linguagem, uma vez que todo falante nativo possui uma gramática internalizada da língua. Entende-se aqui por gramática internalizada a capacidade que todo falante nativo tem de gerar sequências linguísticas gramaticais próprias e típicas da língua. Logo, cabe à escola e, em especial, aos professores de língua portuguesa, mostrar ao aluno como a língua é constituída e como ela funciona, em seu aspecto formal, informal, oral ou escrito.

Nesta análise será mostrada como foi feita a abordagem da gramática normativa no livro em estudo, bem como o espaço destinado ao ensino da gramática normativa. Portanto, quaisquer outros aspectos que não estejam diretamente relacionados com o ensino da gramática não farão parte desta análise, uma vez que nosso objetivo foi analisar o ensino da gramática no livro didático.

BRINCANDO DE ESCONDE-ESCONDE

O livro didático *Língua Portuguesa Comunicação e Cultura*, de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental, apresenta-se dividido em quatro unidades. Cada uma dessas unidades é composta de três capítulos, os quais se subdividem da seguinte forma:

I – Interpretando e produzindo

II – Organização do texto

III – Gramática normativa

IV – Momentos de lazer

V – Leituras complementares

No subitem **I**: Interpretando e produzindo, o autor apresenta uma série de questões para que o aluno faça uma reflexão. São desfiladas propostas para produção escrita e, em seguida, há umas conclusões sobre o gênero textual em estudo e novas propostas de produção escrita. São expostos, também, textos para interpretação textual. Neste primeiro momento, o importante é que o aluno realize algumas produções escritas sem se preocupar com sua estrutura, pois, no segundo momento, será mostrada a ele a estrutura do gênero textual.

No subitem **II**: Organização textual, é apresentada ao aluno a parte estrutural do gênero em estudo. Neste segundo momento, o aluno já deverá se preocupar com a estrutura do texto. Novamente serão listadas ao aluno propostas de produção e também exercícios de reestruturação textual.

No subitem **III**: Gramática normativa, é exibido ao aluno a estrutura da língua, isto é, a gramática normativa, item que se apresenta intitulado de acordo com o conteúdo gramatical em estudo. Este item traz exercícios puramente gramaticais.

O subitem **IV**: Momentos de lazer traz alguns momentos de descontração: jogos, músicas e leituras divertidas.

O subitem **V**: Leituras Complementares carrega sempre um texto complementar do gênero estudado, para encerrar o capítulo.

Esta estrutura de divisão do livro se repete nas quatro unidades, seguindo exatamente esta mesma ordem, apresentada acima.

SOZINHO EU NÃO POSSO MAIS

Neste artigo, analisamos apenas o subitem **III**, destinado ao ensino da gramática normativa, dado que nosso objetivo foi verificar como se deu a abordagem da gramática normativa no livro didático em estudo e em que proporção foi abordada, isto é, qual é o espaço no livro destinado ao ensino da gramática normativa.

Como vimos, o livro se apresenta dividido em unidades e capítulos. Cada unidade é composta de três capítulos e cada capítulo apresenta um tópico gramatical, somando um total de três tópicos por unidade. Logo, o livro possui um total de doze tópicos gramaticais. Nessa linha, verificamos que o autor se preocupa com a estrutura formal da língua, tendo em vista que dedica, em cada capítulo, um tópico para o estudo da gramática normativa, isto é, para o estudo das regras que regem a nossa língua.

A expressão gramática normativa deve ser entendida como um conjunto de regras a serem seguidas. Assim, o ensino de gramática normativa pressupõe que há uma forma (única) de falar e escrever corretamente. Deste modo, a matéria-prima de estudo da gramática normativa pretende estabelecer as regras de uma língua e, através delas, ensinar a língua àqueles que já dominam outras variantes. (Murrie, 1991).

Ao analisar como é feita a abordagem da gramática normativa no livro didático em estudo, divisamos que a abordagem ocorre de forma isolada, descontextualizada, isto é, as frases são analisadas fora de um contexto, seguindo rigorosamente a feição como o próprio livro é dividido. Primeiro, o autor trabalha a produção textual, depois a organização estrutural do gênero em estudo. Num terceiro momento, a gramática normativa. É como se cada uma dessas partes fosse bloco isolado e não parte interdependente que se une para formar um todo. Vejamos alguns exemplos:

Ex.1- *Ele tenta se esquivar. Dá um drible espetacular na mãe! A mãe pega ele pela orelha! Pela orelha! E o juiz não vê isso! (pág.32)*

Este fragmento acima foi retirado de um texto já lido e discutido em momento anterior com os alunos no subitem I: Interpretando e produzindo, na mesma unidade em que está sendo feito o estudo gramatical. Entretanto, o estudo gramatical ocorreu com base em fragmentos retirados do texto. Logo, sua fragmentação geraria prejuízo na compreensão do texto e, por tabela geraria também prejuízo no momento de uma análise gramatical específica, uma vez que um fragmento solto pode provocar dificuldade na identificação do conteúdo gramatical em estudo. O texto é um todo organizado de sentido, e a linguagem deve ser utilizada para criar e modificar situações interpessoais. Desse modo, não pode ser separado de nossa consciência que nossas orações só são adequadas e interpretáveis dentro de contextos determinados (ILARI, 2001). Assim, o fato de a gramática ser trabalhada descontextualizada prejudica e dificulta a compreensão do aluno.

Ex.2- Na expressão pega ele, o pronome está funcionando como sujeito ou como complemento do verbo? (pág.32)

As questões gramaticais atinentes ao fragmento do exemplo 2 se referem a questões de uso formal e informal da língua: pronome, sujeito ou complemento e palavras adjuntas. Considerando que os exercícios são direcionados para alunos da 6ª série do ensino fundamental, acreditamos que a fragmentação do enunciado gera dificuldades na identificação do conteúdo gramatical solicitado, uma vez que estes não têm por hábito voltar a textos, já lidos em passo anterior para fazer os exercícios. Logo, se o exercício trouxesse o enunciado completo, certamente o aluno teria mais condições de chegar a uma conclusão, embasado na análise do enunciado em seu todo. Isto é, não ficaria preso a frases soltas, em que a resposta obrigatoriamente leva o aluno a concluir que o pronome está funcionando como complemento ou como sujeito, ou seja, a própria pergunta em si já traz a resposta. A análise gramatical do enunciado levaria o aluno a refletir sobre sua resposta, a questioná-la e a chegar a uma conclusão segura, visto que não raro o aluno tenta uma das alternativas oferecidas no enunciado da questão sem refletir sobre sua resposta.

Verificamos também que o autor não trabalha com conceitos, definições de nomenclaturas gramaticais, permitindo, assim, que o professor construa com os alunos tais conceitos, de acordo com sua concepção de língua e linguagem. Vejamos outro exemplo:

Ex. 3- Eu me debrucei sobre o meu diário neste último dia do ano. (pág.52)

Ex. 4- Eles e elas se amam. (pág.52)

A partir desses dois exemplos, verificamos que o autor trabalha os pronomes, no entanto não apresenta o conceito deles, deixando o aluno apenas com o subsídio teórico que o professor apresentar a ele.

E O TEMPO LEVOU

Atualmente, o ensino de língua portuguesa se apresenta dividido entre duas tendências gramaticais: a conservadora e a inovadora. A primeira defende a evidência dos conceitos das nomenclaturas gramaticais nos livros didáticos, enquanto a segunda defende o apagamento de tais conceitos. Contudo, as duas tendências vêm sendo discutidas frequentemente nas escolas. Acreditamos que ambas têm muito a contribuir para o ensino de língua portuguesa. Se bem assim, pensamos que seria mais conveniente que o aluno, alicerçado numa determinada definição, mesmo que da gramática normativa tradicional, tentasse a validade ou não do conceito e decidisse em que momento ele se aplica e por que se aplica. Nessa esteira, o apagamento dos conceitos gramaticais dos livros didáticos pouco ou nada tem a contribuir para o bom desempenho linguístico do aluno, porquanto o aluno da 6ª série ainda não tem por hábito fazer suas próprias anotações. Busca tudo pronto, seja no livro didático seja no caderno. Por isso, pensamos que seria mais viável que o livro didático oferecesse ao aluno algum subsídio teórico, visto que se trata do principal material de apoio não só do professor, mas também do aluno. Logo, este deve ser elaborado pensando no sujeito que vai fazer o uso dele. Sabemos que, nos dias que correm, os alunos estão ingressando cada vez mais novos na escola, em especial nas escolas particulares, numa faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, o que os torna um pouco imaturos para uma reflexão linguística. Assim, julgamos que o conceito das nomenclaturas gramaticais no livro didático seria interessante, pois além de auxiliar o aluno fora do contexto sala de aula poderia provocar discussões sobre a estrutura da língua. Temos consciência de que a evidência do conceito poderia inibir o professor, levando-o muitas vezes a acatar a definição apresentada pelo livro didático sem questioná-la, porém acreditamos que os profissionais da área de língua portuguesa devem estar preparados para selecionar o que há de bom e de ruim em um livro didático.

SOMOS TODOS IGUAIS

Outra observação que julgamos importante apontar é a repetição de modelos de exercícios. Verificamos que os exercícios do tipo: destaque, diga, indique e identifique são frequentes no livro, bem como as perguntas diretas do conteúdo gramatical em estudo. Vejamos alguns exemplos que comprovam nossa observação.

Ex.5- Destaque as formas pronominais que soam independentemente da forma verbal que complementam. (pág.52).

Ex.6- Destaque as formas de complemento relacionadas, respectivamente, com a primeira e a segunda pessoa do plural. (pág.52).

Ex.7- Destaque as passagens em que se caracteriza o uso informal da língua. (pág.84).

Ex.8- Destaque as orações adjetivas presentes no poema e as palavras a que se referem. (pág.152).

Ex.9- Destaque as orações subordinadas presentes no trecho lido. (pág.190).

Ex.10- Diga o que acontece, em relação ao sujeito, com os pronomes destacados. (pág.53).

Ex.11- Diga qual é verbo principal da locução “tem cantado”. (pág.85).

Ex.12- Diga em que sentido está sendo usado o verbo ensinar. (pág.193).

A recorrência dos modelos de exercícios é constante, chegando até mesmo a repetir o modelo do exercício na mesma página, como podemos ver nos exemplos 4 e 5 da página 52. Acreditamos que essa repetição de modelos não traz grandes prejuízos, mas pode condicionar o aluno a ficar preso a tal modelo, vindo a ter dificuldade de interpretar outros tipos de exercício. Quanto mais variedade de exercícios, melhor.

QUEM SABE FAZ A HORA NÃO ESPERA ACONTECER

Observamos também que, no livro, há exercícios que fazem perguntas diretas em relação ao conteúdo gramatical em estudo.

Ex. 13- Qual a classe gramatical da palavra menino? (pág.83)

Ex. 14- De quantas orações se constitui o segundo período do trecho? (pág.130)

Ex. 15- De quantos períodos se faz o texto? (pág.190)

Com base nos exemplos acima, podemos perceber que, mesmo que o autor do livro tente fugir da tendência gramatical conservadora, em alguns momentos ele se deixar levar por ela. Embora não apresente ao aluno os conceitos da nomenclatura gramatical, ele sugere, com a elaboração do exercício, que o aluno precisa de tais conceitos para conseguir a resposta esperada por ele (autor do livro). Para conseguir responder às questões dos exemplos 13, 14 e 15, acreditamos que os alunos precisam de uma conceituação da nomenclatura gramatical. Possivelmente, o autor não apresenta esses conceitos, para que o professor tenha a liberdade para trabalhá-los de acordo com sua concepção de língua e linguagem. No entanto, acreditamos que seria mais viável que o livro didático trouxesse esses conceitos para que o aluno, com seu professor, pudesse testar a sua validade ou não.

CONSIDERAÇÕES

Partindo da análise realizada no livro didático “Língua Portuguesa Comunicação e Cultura”, de Domício Proença Filho, da 6ª série do ensino fundamental, percebemos que os autores de livros didáticos têm se preocupado em atender às mudanças pelas quais o ensino de

língua portuguesa vem passando. No entanto, este é um processo longo, visto que ainda carregamos conosco concepções já ultrapassadas. Não é nada fácil nos desprendermos de nosso passado e, para a gramática normativa, a língua corresponde à forma de expressão observada e produzida por pessoas cultas. De acordo com Sírio Possenti (2004), nas sociedades em que se tem língua escrita, é esta modalidade de língua que funciona como modelo, acabando por representar a própria língua. Logo, é esta que encontramos na maioria dos livros didáticos.

Observamos que o livro didático estudado foi dividido em unidades, capítulos e tópicos, o que nos inspirou a dividir nosso artigo também em tópicos, desse modo cada um dos tópicos apresentado por nós sugere aos leitores certa malícia ao lê-lo. Sendo assim, sugerimos que os leitores permeiem as entrelinhas de cada tópico estampado e estabeleçam relação com a análise do livro, bem como façam alusão aos conhecimentos prévios que trazem consigo.

O livro didático em estudo atende à proposta dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino de língua materna. Os PCNs propõem que os livros didáticos trabalhem com os gêneros textuais. O livro em estudo aborda grande variedade de gêneros. É proposto pelos PCNs que os livros didáticos trabalhem as questões USO-REFLEXÃO-USO da língua. Neste aspecto, acreditamos que o autor do livro deixou a desejar. Enquanto o trabalho se referia à produção e à organização textuais, isto até foi possível, mas, quando o assunto é a estrutura da língua, o autor trabalha de forma estruturalista, tendo em vista que os modelos de exercício que traz o livro no item destinado ao ensino da gramática normativa, são exercícios que concebem a língua como um conjunto de estruturas fixas. Contudo, sabemos que o sistema linguístico está sujeito a variações determinadas no tempo e no espaço, e que são necessárias para que a nossa língua permaneça viva. Acreditamos que também é necessário haver uma forma que seja padronizada a todos falantes de uma dada língua. Daí, deparamos, mais uma vez, com o conflito existencial em torno do ensino de gramática normativa.

Concordamos com Travaglia (2001) em que o livro didático deverá propiciar ao aluno a interação com a linguagem, visto que todo falante nativo possui uma gramática internalizada da língua. Entende-se aqui por gramática internalizada a capacidade que todo falante nativo tem de gerar sequências linguísticas gramaticais próprias e típicas da língua. Logo, cabe à escola e, em especial, aos professores de língua portuguesa mostrar ao aluno como a língua é constituída e como ela funciona, tanto em seu aspecto formal, informal, tanto no oral ou escrito. Nessa linha, pensamos que o livro em estudo não favorece essa interação do aluno

com a linguagem, pois ainda trabalha a gramática de forma isolada, descontextualizada, isto é, de forma estrutural. Em adendo, o livro em estudo desfila aparente renovação, dado que o autor já não traz explícitos as definições e conceitos da nomenclatura gramatical. Mas ainda é muito pouco, pois se não houver uma proposta de interação e reflexão com a linguagem, os nossos alunos continuarão sem compreender a função e a importância da gramática para sua vida. Portanto, de nada adianta um livro não revelar evidentes os conceitos gramaticais, se ele traz exercícios estruturais. Acreditamos que o livro didático deverá ser elaborado pensando no sujeito que irá fazer o uso dele. Não podemos nos esquecer de que nossos alunos são sujeitos ativos pensantes, capazes de refletir e, certamente, obteriam melhor resultado se recebessem melhor orientação.

Partindo de nossa experiência, na qualidade de professores de língua portuguesa, podemos afirmar, com propriedade, que os alunos da referida série ainda são bastante dependentes do subsídio teórico, isto é, livro didático, pois, por mais que o professor construa com eles os conceitos para as nomenclatura gramatical a ser estudada, é no livro didático que eles procuram as respostas para suas dúvidas imediatas. Eles até se esquecem que têm algumas anotações feitas no caderno. Neste sentido, um bom livro didático poderia ser forte aliado do professor em sala de aula, bem como poderia despertar o aluno para o farto material linguístico que tem em suas mãos. Portanto, podemos dizer que o livro didático analisado tem seus pontos positivos e negativos. Cabe ao professor saber explorá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2001). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 6ª ed, São Paulo: Cortez.
- POSSENTI, Sírio. (2004). *Por que (Não) ensinar gramática na escola*. Campinas, S.P: Mercado de Letras.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: *terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, MEC/ SEF. 1998.
- ILARI, R. e POSSENTI, S. “Português e ensino de gramática”. In: *Projeto IPÊ*. Língua Portuguesa II. São Paulo: CENP/SE.
- SUASSUNA, Livia. *O ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*.
- NICOLA & INFANTE: (1994). *Gramática contemporânea de língua portuguesa*. 13ª ed. São Paulo, Scipione.
- MURRIE, Zuleika de Felice. (1991). *Reflexões sobre o ensino/aprendizagem da gramática: proposta curricular para o ensino de língua portuguesa- 1º Grau*. São Paulo, 4ª ed. CENP/SE
- MARINHO, Marildes. A. (1998). *língua portuguesa nos currículos de final de século*. In: BARRETO, Elba S. DE Sá. *Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras*. São Paulo: Autores Associados.